

O BUENO DE CESAR BIERRENBACH

Celso Maria de Nello Pupo

Historiar o tempo por nós vivido, é de muito maior risco que uma aventura pela exposição documentária; quando só age a memória, mais fáceis as confusões e menos segura a verdade histórica. A velhice, porém, é incorrigível nas rememorações que tanto agradam e que nos dão um prazer talvez maior do que se vivêssemos novamente aqueles dias do passado.

Em festa, ha tempos, da Escola de Enfermagem Madre Maria Teodora, da mesa que eu compunha como provedor da Irmandade de Misericórdia, tive o prazer de vislumbrar entre os presentes, uma senhora quasi octogenária, benfeitora da Escola, que eu conhecera em minha meninice; finda a festa, fui cumprimenta-la dando-me a conhecer, certo de que já não podia ser lembrado. Mas, ao meu cumprimento, disse-me a senhora: "o senhor é para mim sempre aquele menino bonito da casa de Dona Horaida".

Surpresa e encantamento foi o que senti por ser lembrado pela nobre senhora de mais alto nível de São Paulo, que nesta gentileza revelou seu grande coração cheio de caridade que a faz querida por quantos sofredores te^{ra} ela socorrido; sendo protetora da Escola, propuz e a Mesa da Irmandade lhe concedeu o título de benfeitora; tempos depois, esta senhora fez à Santa Casa o donativo de um milhão de cruzeiros e a Assembleia Geral outorgou-lhe, por gratidão, o título máximo de Irmã Benemerita. Sua lembrança, entretanto, naquela festa demonstrada, trouxe-me o rememorar constante de certo período da meninice:

Dona Horaida era minha tia avó, querida velhinha que residia na rua do Sacramento, entre Barreto Leme e Marechal Deodoro; religiosa de muito fervor, recebia diariamente a comunhão na Matriz Velha, hoje do Carmo, às seis e trinta da manhã, e vinha para sua casa tomar café retornando à Igreja para a missa das oito. Era seu hábito trazer amigas para este café, e entre as que eu conheci em menino, lembro de muitas, mas de seus nomes só me ocorrem, no momento, de Dona Leonilda, da viuva Azevedo Marques (avó de Elias Lobo Neto) e da que mais impressionava a minha curiosidade infantil, a Baronesa de Parapanema que fazia ficar à nossa porta, para conduzi-la na saída, o seu carro com magníficos cavalos ou o trol^{li} com esplêndida parelha de bestas para a viagem à fazenda denominada Chácara Paraíso e hoje transformada em cidade.

Tínhamos por vizinhos o Capitão Augusto de Sales Pupo, o casal Rocha Campos, o armazém do Sr. Francisco Costa casado com Dona Rosa e com ^{to} muitos filhos, o Dr. Araujo Mascarenhas e sua senhora, a sempre lembrada Dona Titina; o distribuidor do Forum ^{Julio Ribeiro de Azevedo} e sua boníssima esposa Dona Teresa, e a estimada família Santos Pinto com uma entidade denominada "Auxiliadora" onde também residia o Maestro Antônio Leal e sua família. Toda esta gente era da melhor qualidade de bons costumes e correção, formando no quarteirão a mais harmoniosa coletividade na qual eu, menino, só contava boas e saudosas amizades.

Na Matriz Velha parouquiva Monsenhor Barreto, depois nosso amado segundo bispo, que tinha por coadjutor o Padre Roque Ambrozini, francês de nascimento, hospede da casa de Madame Vialac no sobrado que havia sido hotel

e que hoje está reformado para a residência das Irmãs Missionárias.

Foi nesta época que ouvi referências e que me impressionei com Cesar Bierrenbach; inaugurava-se o seu busto no Largo do Rosário, frente à rua Direita (Barão de Jaguará) em 2 de julho de 1912, quando toda cidade participou daquela homenagem ao filho admirado, ao grande orador de inteligência viva e formoso talento, tão cedo falecido.

Diz Leopoldo Amaral, "Campinas Recordações" fls 239, que Cesar Bierrenbach "era filho e irmão extremosíssimo. Que constante carinho, que respeitosa dedicação que ele dispensava à sua veneranda progenitora (como tivemos ocasião de presenciar) quando, com suas estimadas irmãs, lhe dava o braço para acompanhar aquela bondosa e santa creatura".

Esta senhora, mãe de Cesar, e que em solteira chamava-se Dona Maria Clementina da Silva Bueno, era filha de Vicente Ferreira da Silva Bueno, bacharel pelas Arcadas na turma de 1838 que contou com estudantes mais tarde notabilizados, como Peixoto Gomide, deputado provincial e geral; Assis e Almeida, também deputado provincial e geral; Furtado de Mendonça, o Conselheiro Furtado professor e jurisconsulto; Pinto Junior, professor e político; Castro Menezes, desembargador; o Barão de Vila Franca, o Visconde de Bom Retiro e outros.

Vicente Ferreira da Silva Bueno, cavaleiro da Ordem do Cristo, foi juiz de direito em várias cidades da província inclusive Campinas, foi desembargador e deputado provincial e geral em várias legislaturas tendo ocupado a vice presidência da Assembleia. Era ele quinto neto de Amador Bueno, o moço, e sexto neto de Amador Bueno "o Aclamado", figura central de um relevante fato histórico no qual culmina como o escolhido pelos paulistas que o reconheciam pelo valor, e dentro da alta significação de coletiva consciência de poderio e independência capazes de formar um reino. Por esta geração, Cesar Bierrenbach era oitavo neto de Amador Bueno, o velho.

O desembargador Vicente Ferreira da Silva Bueno era casado com uma sobrinha, Dona Maria Rosa da Silva Bueno, filha do seu irmão João Correa da Silva, pelo qual Cesar era segunda vez Bueno como nono neto do aclamado Amador Bueno. De João Correa da Silva era neto paterno Rafael Correa da Silva Sobrinho, caráter, talento e cultura que brilharam na Academia de direito de São Paulo onde lecionava; católico praticante e fervoroso, era profundamente culto em doutrina; notável professor de direito, grande advogado, orador primoroso pela elegância da forma e precisão de linguagem de filólogo erudito. De mesmo era bisneto Rafael Correa de Sampaio, lente renomado da faculdade de direito de São Francisco.

A esposa de José Correa da Silva, Dona Gertrudes Luiza Sodré, tinha também ascendência Bueno como quinta neta do Anhangóera, Bartolomeu Bueno da Ribeira, sobrinho deste do Aclamado. Por esta sua bisavó, Cesar Bierrenbach era oitavo neto do Anhangóera e, portanto, três vezes descendente dos Buenos da Ribeira, o apelido glorioso na história de São Paulo.